



BRITNEY
SPEARS

A
MULHER
EM MIM

BÜZZ

A
MULHER
EM MIM

BRITNEY SPEARS

TRADUÇÃO
Cristiane Maruyama

Para os meus meninos, amores da minha vida.

A MULHER EM MIM

SUMÁRIO

Capa

Folha de rosto

A mulher em mim

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Capítulo 40

Capítulo 41

Capítulo 42

Capítulo 43

Capítulo 44

Capítulo 45

Capítulo 46

Capítulo 47

Capítulo 48

Capítulo 49

Agradecimientos

Créditos

PRÓLOGO

Quando eu era criança, costumava caminhar sozinha por horas pela floresta silenciosa que ficava atrás da minha casa na Louisiana, cantando. Estar fora de casa me dava uma sensação de vivacidade e perigo. Enquanto eu crescia, minha mãe e meu pai brigavam constantemente. Ele era alcoólatra. Eu geralmente sentia medo dentro de casa. Lá fora também não era necessariamente o paraíso, mas era o meu mundo. Sendo céu ou inferno, era meu.

Antes de ir para casa, eu percorria um caminho até a casa dos nossos vizinhos, através de um jardim com paisagismo e depois passando por uma piscina. Eles tinham um jardim repleto de pequenas dolomitas que retinham o calor de tal forma que era bom senti-las contra minha pele. Eu me deitava sobre elas e olhava para o céu, sentindo o calor que vinha de cima e de baixo, pensando: *Eu posso seguir meu próprio caminho na vida. Eu posso tornar meus sonhos realidade.*

Deitada em silêncio sobre aquelas pedras, senti Deus.

As crianças no Sul dos Estados Unidos costumavam ser educadas para respeitar seus pais e manter a boca fechada. (Hoje as regras foram invertidas — giram mais em torno do respeito pelas crianças.) Discordar de um dos pais nunca foi permitido na minha casa. Não importa quão ruim as coisas ficassem, havia o entendimento de que se devia ficar calada e, caso contrário, haveria consequências.

A Bíblia diz que a língua é uma espada.

Minha língua e minha espada eram eu cantando.

Durante toda a minha infância, cantei: com o rádio do carro a caminho da aula de dança, quando estava triste. Para mim, cantar era espiritual.

Nasci e estudei em McComb, Mississippi, e morei em Kentwood, Louisiana, a quarenta quilômetros de distância.

Todo mundo se conhecia em Kentwood. As portas não ficavam trancadas, a vida social girava em torno da igreja e das festas nos quintais, as crianças usavam roupas iguais, e todo mundo sabia atirar. O local histórico mais conhecido era o Camp Moore, um campo de treinamento confederado construído por Jefferson Davis. Todos os anos há reencenações da Guerra Civil no fim de semana que antecede o Dia de Ação de Graças, e ver as pessoas vestindo trajes militares era um lembrete de que o feriado estava chegando. Eu amava essa época do ano: chocolate quente, o cheiro da lareira em nossa sala de estar, as cores das folhas de outono caídas no chão.

Tínhamos uma casinha de tijolos com papel de parede listrado de verde e painéis de madeira. Quando menina, eu ia ao Sonic, andava de kart, jogava basquete e frequentava uma escola católica chamada Parklane Academy.

A primeira vez que me emocionei de verdade e senti arrepios na espinha foi ao ouvir nossa governanta cantando na lavanderia. Eu sempre lavava e passava a roupa da família, mas quando as coisas estavam melhores financeiramente, minha mãe contratava alguém para ajudar. A governanta cantou música gospel, e foi literalmente um despertar para um mundo totalmente novo. Nunca me esquecerei disso.

Desde então, meu desejo e minha paixão por cantar cresceram. Cantar é mágico. Quando canto, sou dona de mim mesma. Posso me comunicar perfeitamente. Ao cantar, você não usa mais a língua do “Oi, como você está...”. Você é capaz de dizer coisas muito mais profundas. Cantar me leva a um lugar místico onde a linguagem não importa mais, onde qualquer coisa é possível.

Tudo o que eu queria era que me tirassem do mundo cotidiano e me levassem a um reino onde eu pudesse me expressar sem pensar. Quando estava sozinha, minha mente era tomada por preocupações e medos. A música interrompia o barulho, fazia eu me sentir confiante e me levava a um lugar puro para eu me expressar exatamente como desejava ser vista e ouvida. Cantar me levava à presença do divino. Enquanto estava cantando, eu ficava meio fora do mundo. Estaria brincando no jardim como qualquer criança, mas meus pensamentos e sentimentos e esperanças se mantinham em outro lugar.

Trabalhei arduamente para fazer as coisas do jeito que eu queria. Eu me levava muito a sério quando gravava vídeos bobos cantando

as músicas da Mariah Carey no quintal da minha amiga. Aos oito anos, eu pensava que era uma diretora. Ninguém na minha cidade parecia estar fazendo coisas do tipo. Mas eu sabia o que queria ver no mundo, e tentei fazê-lo.

Os artistas realizam coisas e interpretam personagens porque querem fugir para mundos distantes, e isso era exatamente do que eu precisava. Eu queria viver dentro dos meus sonhos, meu maravilhoso mundo fictício e, se pudesse evitar, não pensar na realidade. Cantar aproximava o real e a fantasia, o mundo em que eu vivia e o que eu queria desesperadamente habitar.

A tragédia faz parte da minha família. Meu nome do meio é o mesmo da mãe do meu pai, Emma Jean Spears — mais conhecida como Jean. Ao ver as fotos dela, entendi por que todo mundo dizia que éramos parecidas. O mesmo cabelo loiro. O mesmo sorriso. Ela parecia mais jovem do que era de fato.

Seu marido, June Spears Sr., meu avô, era um homem abusivo. Jean perdeu um filho recém-nascido com apenas três dias de vida. June mandou Jean para o Hospital de Southeast Louisiana, um manicômio horroroso em Mandeville, onde Jean era medicada com lítio. Em 1966, aos 31 anos, minha avó Jean se matou com um tiro diante do túmulo de seu filho, oito anos após o falecimento dele. Não consigo imaginar a dor que ela deve ter sentido.

No Sul, a maneira como as pessoas se referem a homens iguais a June é dizendo “nada nunca era bom o suficiente para ele”, que era

“um perfeccionista”, ou “um pai muito comprometido”. Eu provavelmente teria dito coisas mais rudes que essas.

Fanático por esportes, June fazia meu pai treinar até a exaustão. Todos os dias, depois de terminar o treino de basquete, não importava o quanto estivesse cansado ou com fome, meu pai ainda tinha que fazer cem lances livres antes de poder entrar em casa.

June era policial do Departamento de Polícia de Baton Rouge e acabou tendo dez filhos com três esposas diferentes. E até onde sei, ninguém tinha algo bom a dizer sobre seus primeiros cinquenta anos de vida. Até na minha família, comentava-se que os homens Spears tendiam a ser problemáticos, principalmente quanto ao modo como tratavam as mulheres.

Jean não foi a única esposa que June mandou para o hospital psiquiátrico em Mandeville. Também internou a segunda esposa lá. Uma das meias-irmãs do meu pai disse que, quando ela tinha onze anos, June começou a abusar sexualmente dela, até ela fugir aos dezesseis.

Meu pai tinha treze anos quando Jean morreu naquele túmulo. Sei que o trauma, em parte, explica o jeito que ele agia com os meus irmãos e comigo; do porquê nada nunca era bom o bastante para ele. Meu pai forçou meu irmão a ser o melhor nos esportes. Meu pai bebia até não conseguir pensar mais. Uma vez desapareceu durante dias. Quando ele estava bêbado, era extremamente malvado.

Mas June melhorou depois de envelhecer. Eu não convivi com o homem que abusou do meu pai e dos irmãos dele, mas com um avô que parecia tranquilo e gentil.

O mundo do meu pai e o da minha mãe eram completamente diferentes.

De acordo com minha mãe, a mãe dela — minha avó Lilian “Lily” Portell — vinha de uma elegante e sofisticada família londrina. Ela tinha uma aparência exótica sobre a qual todos comentavam; a mãe dela era britânica, e o pai tinha nascido em uma ilha mediterrânea chamada Malta. O tio dela trabalhava com encadernação. A família inteira tocava instrumentos e amava cantar.

Durante a Segunda Guerra Mundial, Lily conheceu um soldado americano, meu avô Barney Bridges, em um baile para soldados. Ele era o motorista dos generais e amava dirigir em alta velocidade.

No entanto, ela ficou desapontada quando ele a levou para os Estados Unidos. Ela havia imaginado que viveria como em Londres. À medida que adentrava as suas fazendas produtoras de leite em Nova Orleans, Lily observou, de dentro do carro, como o mundo de Barney parecia vazio. “Onde estão todas as luzes?”, ela perguntava insistentemente ao marido.

Às vezes, penso em Lily transitando pelo interior do estado da Louisiana, observando a noite, se dando conta de que sua vida grande, vibrante, cheia de música e museus e chás da tarde londrinos estava prestes a se tornar pequena e difícil. Em vez de ir ao teatro ou comprar roupas, ela passaria a vida presa no interior, cozinhando e limpando e ordenhando vacas.

Então minha avó se fechou, leu uma tonelada de livros, tornou-se obcecada por limpeza e sentiu falta de Londres até o dia de sua morte. Minha família contou que Barney não queria deixá-la voltar para Londres porque achava que, se ela fosse, não retornaria para casa.

Minha mãe disse que Lily ficava tão perdida em seus próprios pensamentos que tirava a mesa antes que todos terminassem de comer.

Tudo o que eu soube foi que minha avó era linda, e eu amava imitar seu sotaque britânico. Falar com esse sotaque sempre me deixou feliz, pois me faz lembrar dela, da minha avó estilosa. Eu queria ter os modos e a voz cadenciada dela.

Como Lily tinha dinheiro, minha mãe, Lynne, seu irmão, Sonny, e sua irmã, Sandra, tiveram o que você pode chamar de vida abastada enquanto cresciam, especialmente para a região rural da Louisiana. Embora fossem protestantes, minha mãe frequentava a escola católica. Era uma adolescente linda, com cabelos pretos curtos. Sempre ia à escola usando botas de cano alto e saias bem curtas. Minha mãe saía com os caras gays da cidade, que lhe davam carona em suas motos.

Meu pai ficou interessado nela, como não ficaria? Em parte, talvez, porque June exigia que se esforçasse absurdamente, meu pai era incrivelmente talentoso nos esportes. As pessoas vinham de longe apenas para vê-lo jogar basquete.

Minha mãe o viu e disse: “Ué, quem é esse cara?”.

Pelo que diziam, o relacionamento deles nasceu de uma atração mútua e de um senso de aventura. Mas a lua de mel tinha acabado muito tempo antes de eu vir ao mundo.

Quando se casaram, meus pais moraram em uma pequena casa em Kentwood. Minha mãe não era mais sustentada pela família dela, então meus pais eram bem pobres. Eles eram jovens — minha mãe tinha 21 e meu pai, 23. Em 1977, tiveram meu irmão mais velho, Bryan. Ao se mudarem daquele pequeno lar, compraram uma pequena casa popular de três quartos.

Depois que Bryan nasceu, minha mãe voltou a estudar e se tornou professora. Meu pai, que era soldador em refinarias — trabalhos pesados que duravam um mês ou, às vezes, três meses —, começou a beber demais e não demorou muito até que começasse a descontar na família. De acordo com minha mãe, quando fazia alguns anos que ela e meu pai estavam casados, meu avô materno Barney, pai da minha mãe, morreu em um acidente de carro, e, depois disso, meu pai foi encher a cara e perdeu a primeira festa de aniversário do Bryan. Quando meu irmão ainda era pequeno, meu pai ficou bêbado em uma festa de Natal e sumiu na manhã seguinte. Minha mãe disse que estava cansada naquela época. Saiu de casa para ficar com Lily. Em março de 1980, ela deu entrada no processo de divórcio. Mas June e sua nova esposa imploraram para ela aceitar meu pai de volta, e ela aceitou.

Durante um tempo, aparentemente, as coisas se acalmaram. Meu pai trocou de emprego e abriu uma empresa de construção. Então, depois de muita luta, também abriu uma academia. Se chamava

Total Fitness e transformou alguns homens da cidade, inclusive meus tios, em fisiculturistas. A academia ficava num estúdio à parte da nossa propriedade, ao lado de casa. Inúmeros homens musculosos entravam e saíam da academia, flexionando os músculos na frente dos espelhos sob as luzes fluorescentes.

Meu pai começou a se dar muito bem. Em nossa pequena cidade, ele se tornou um dos homens mais endinheirados. Minha família servia, em nosso jardim, cozido de lagostim.^[3] Dava festas malucas e dançavam a noite toda. (Sempre presumi que o ingrediente secreto para ficarem acordados a noite toda era anfetamina, já que era a droga preferida na época.)

Minha mãe abriu uma creche com a irmã dela, minha tia Sandra. Para consolidar o casamento, meus pais tiveram um segundo bebê — eu. Nasci em 2 de dezembro de 1981. Minha mãe nunca perdeu a oportunidade de recordar que o trabalho de parto foi excruciante e durou 21 horas.

Eu amava as mulheres da minha família. Minha tia Sandra, que já tinha dois filhos, teve uma gravidez-surpresa aos 35 anos: minha prima Laura Lynne. Com apenas alguns meses de diferença, Laura Lynne e eu éramos como gêmeas e também melhores amigas. Laura Lynne sempre foi como uma irmã para mim, e Sandra era uma segunda mãe. Ela tinha muito orgulho de mim e sempre me encorajava.

E mesmo que minha avó Jean tenha morrido muito antes do meu nascimento, eu tive a sorte de conhecer sua mãe, minha bisavó Lexie

Pierce. Lexie era *incrivelmente* linda, sempre se maquiava, com a pele muito, muito branca e com os lábios muito, muito vermelhos. Ela era fodona, e ficou mais à medida que envelhecia. Me disseram, e não foi difícil de eu acreditar, que ela tinha se casado sete vezes. Sete! Obviamente, ela não gostava do genro June, mas depois que a filha dela, Jean, morreu, Lexie não se afastou e cuidou do meu pai e dos irmãos dele, e depois dos seus bisnetos também.

Eu e Lexie éramos muito próximas. As lembranças mais vívidas e felizes que tenho de quando era criança são de momentos que passei ao lado de Lexie. Fazíamos festas do pijama, só nós duas. À noite, ela me mostrava as maquiagens que ficavam em sua penteadeira. De manhã, Lexie preparava um café da manhã gigante. A melhor amiga dela, sua vizinha, ia nos visitar e ouvíamos as lentas baladas dos anos 1950 da coleção de vinis da Lexie. Durante o dia, eu e ela tirávamos sonecas juntas. Uma das coisas que eu mais amava era adormecer ao lado da Lexie, sentindo o cheiro do seu pó facial e do seu perfume, e ficar ouvindo sua respiração se acalmar até ficar rítmica e regular.

Um dia, Lexie e eu fomos alugar um filme. Assim que saímos da locadora, ela bateu em outro carro, ficando presa num buraco. Não conseguimos sair. Um guincho teve que ir nos resgatar. Aquele acidente assustou minha mãe. Dali em diante, não tive mais permissão para sair com minha bisavó.

“Nem foi um acidente grave!”, falei para minha mãe. Implorei para continuar vendo Lexie. Era a minha pessoa favorita.

“Não, acho que ela está ficando senil”, disse minha mãe. “Já não é seguro você ficar sozinha com ela.”

Depois disso, eu a via na minha casa, mas não podia mais passear de carro ou fazer festas do pijama com ela. Foi uma perda enorme

para mim. Eu não entendia por que estar com alguém que eu amava tanto era considerado algo perigoso.

Naquela idade, o que eu mais gostava de fazer, além de passar o tempo com Lexie, era me esconder nos armários. Virou uma piada na família “Cadê a Britney agora?”. Eu sempre sumia na casa da minha tia. Todo mundo se juntava para me procurar. Quando estavam prestes a entrar em pânico, eles abriam a porta de um dos armários e lá estava eu.

Devo ter desejado que eles procurassem por mim. Durante anos eu gostava de fazer isto — de me esconder.

Me esconder era um modo de chamar atenção. O outro era cantar e dançar. Cantei no coral da nossa igreja e estudei dança três noites por semana e aos sábados. Então comecei a fazer aulas de ginástica em Covington, Louisiana, a uma hora de onde eu morava. Quando se tratava de dançar, cantar e fazer acrobacias, eu nunca me cansava.

No ensino fundamental, no dia das profissões, eu disse que queria ser advogada, mas os vizinhos e os professores começaram a dizer que meu “destino era a Broadway”, e por fim aceitei a minha identidade como “a pequena artista”.

Eu tinha três anos de idade em meu primeiro recital de dança e quatro quando fiz minha primeira apresentação solo de “What Child Is This?” em um evento de Natal na creche de minha mãe.

Eu queria me esconder, mas também ser vista. As duas coisas são verdade. Agachada na fria escuridão de um armário, eu me sentia tão pequena que poderia desaparecer. Mas com a atenção de todo

mundo voltada para mim, eu me tornava outra pessoa, alguém que poderia comandar qualquer espaço. De meia-calça branca, cantando com toda a força, senti que tudo era possível.

1 No original, *crawfish boil*, prato típico da Louisiana. [N. E.]

“Senhora Lynne! Senhora Lynne”, o menino gritou. Ele estava sem fôlego, o coração quase saindo pela boca, na frente da nossa porta. “Vocês precisam vir! Venham agora!”

Um dia, aos quatro anos de idade, eu estava na sala de estar da nossa casa, sentada no sofá com minha mãe de um lado e minha amiga Cindy do outro. Kentwood era como aquelas cidades de novelas — *sempre* havia drama. Cindy estava tagarelando com minha mãe sobre o escândalo mais recente enquanto eu só escutava, tentando acompanhar, quando a porta foi escancarada. A cara do menino bastou para sabermos que algo terrível tinha acontecido. Meu coração disparou.

Minha mãe e eu começamos a correr. A rua tinha acabado de ser pavimentada e eu estava descalça, correndo sobre o piche quente.

“Ai, ai, ai!”, eu gritava a cada passo. Olhei para os meus pés e vi o piche grudado neles.

Finalmente, chegamos aonde meu irmão, Bryan, estava brincando com seus amigos da vizinhança. Eles tentaram cortar o mato alto em um terreno com seus quadriciclos. Essa ideia pareceu fantástica para eles porque eram idiotas. Inevitavelmente não conseguiram ver uns aos outros por causa do mato alto e acabaram batendo de frente.

Eu devo ter visto tudo, ouvido Bryan berrando de dor, minha mãe gritando de medo, mas não me lembro de nada. Acho que Deus fez

eu desmaiar para que não me recordasse da dor e do pânico, ou do corpo todo machucado do meu irmão.

Um helicóptero o levou para o hospital.

Quando fui visitar Bryan alguns dias depois, ele estava inteirinho engessado. Pelo que pude ver, ele quebrou quase todos os ossos do corpo. E o detalhe que mais me impressionou, sendo criança, foi o meu irmão tendo que fazer xixi através de um buraco no gesso.

A outra coisa que não consegui deixar de notar foi que o quarto dele estava repleto de brinquedos. Meus pais ficaram tão gratos por ele ter sobrevivido e se sentiram tão mal por Bryan que, durante sua recuperação, todo dia era Natal. Minha mãe cuidou do meu irmão por se sentir culpada. Até hoje ela faz o que ele quer. É engraçado como uma fração de segundo pode mudar a dinâmica de uma família para sempre.

O acidente me aproximou muito mais do meu irmão. Nosso vínculo se formou a partir do meu sincero e genuíno reconhecimento de sua dor. Depois que Bryan voltou para casa, eu não saía do lado dele. Dormia ao lado dele todas as noites. Bryan ainda não conseguia dormir em sua própria cama porque o corpo inteiro estava engessado. Então ficava em uma cama especial e, aos pés dela, colocaram um colchão para mim. Às vezes, eu subia na cama dele só para abraçá-lo.

Após Bryan ter tirado o gesso, continuei a dormir ao lado do meu irmão por anos. Mesmo pequenina, eu sabia que, entre o acidente e toda a exigência imposta a ele pelo nosso pai, meu irmão teve uma vida difícil. Eu queria confortá-lo.

Finalmente, depois de anos, minha mãe me disse: “Britney, agora você está quase na sexta série. Você precisa começar a dormir

sozinha!”.

Eu disse não.

Eu era tão pequena — não queria dormir sozinha. Mas ela insistiu, e por fim tive de ceder.

Ao ficar no meu próprio quarto, comecei a gostar de ter meu próprio espaço, porém continuei extremamente próxima do meu irmão. Ele me amava. E eu o amava tanto — por ele, eu sentia o amor mais carinhoso e protetor. Não queria nunca que ele se machucasse, já o tinha visto sofrer demais.

À medida que meu irmão foi melhorando, acabamos nos envolvendo bastante com a comunidade. Como era uma cidade pequena com apenas alguns milhares de habitantes, todos apareciam para colaborar com os três principais desfiles que aconteciam todos os anos — Mardi Gras,^[2] Quatro de Julho, Natal. As ruas ficavam repletas de pessoas sorrindo, acenando, abandonando o drama de suas vidas por um dia para se divertir observando seus vizinhos perambulando lentamente pela Rodovia 38.

Teve um ano em que alguns de nós, crianças, decidimos decorar um carrinho de golfe e colocá-lo no desfile de Mardi Gras. Devia haver provavelmente umas oito crianças naquele carrinho — muitas, é óbvio. Havia três no banco, um casal de pé nas laterais segurando o pequeno teto, um ou dois se balançando na parte de trás. Estava tão pesado que os pneus quase furaram. Todos usávamos trajes do século 19; nem me lembro por quê. Eu estava sentada no colo das crianças maiores na frente, acenando para todos. O problema era que, com tantas crianças em um carrinho de golfe, e seus pneus murchos, a coisa ficou difícil de controlar, e com as risadas, os

acenos e a empolgação... Bem, só batemos no carro da frente algumas vezes, mas foi o suficiente para sermos expulsos do desfile.

2 Festa que ocorre sempre no dia anterior à Quarta-feira de Cinzas, quando começa a Quaresma cristã. O Mardi Gras (termo que, em francês, significa “Terça-feira Gorda”) de Nova Orleans, no estado norte-americano da Louisiana, é o feriado mais célebre dos Estados Unidos. [N. E.]

Quando meu pai voltou a beber muito, os negócios dele começaram a falir.

O estresse de não ter dinheiro foi agravado pelo caos das mudanças extremas de humor do meu pai. Eu sentia medo principalmente quando andava de carro com ele, pois ficava falando consigo mesmo enquanto dirigia. Eu não conseguia entender o que ele dizia. Parecia viver em seu próprio mundo.

Eu sabia, naquele momento, que meu pai tinha motivos para querer se embriagar. Vivia estressado por causa do trabalho. Agora vejo com ainda mais clareza que ele estava se automedicando depois de ter sofrido durante anos os abusos de seu pai, June. Naquela época, entretanto, eu não sabia por que era tão duro com a gente, por que nada que fazíamos parecia ser bom o suficiente para ele.

A parte mais triste para mim foi que sempre quis um pai que me amasse do jeito que eu era — alguém que me dissesse: “Eu simplesmente te amo. Você pode fazer o que quiser. Ainda vou te amar incondicionalmente”.

Meu pai era negligente, frio e ruim comigo, mas era ainda mais severo com Bryan. Ele exigia tanto que meu irmão fosse bom nos esportes que chegava a ser cruel. A vida do Bryan naqueles anos foi muito mais difícil que a minha, pois nosso pai fez meu irmão viver sob o mesmo regime de brutalidade a que June o tinha submetido.

Bryan era obrigado a jogar basquete e também futebol americano mesmo não tendo aptidão para isso.

Meu pai também podia ser abusivo com a minha mãe, mas ele era mais o tipo de bêbado que sumia de casa por uns dias. Para ser sincera, era um alívio para a gente quando fazia isso. Eu preferia quando ele não estava lá.

O que tornava a presença dele em casa particularmente ruim era que a minha mãe discutia com ele a noite toda. De tão bêbado, não conseguia falar. Eu não sei se meu pai conseguia ouvi-la. Mas nós, sim. Bryan e eu tínhamos que sofrer as consequências da fúria dela, ou seja, não conseguíamos dormir a noite toda. Os gritos dela ecoavam pela casa.

Furiosa, eu ia até a sala de estar, de camisola, e implorava: “Só dê o jantar para ele e o coloque pra dormir! Ele está doente!”.

Ela discutia com alguém que sequer estava consciente. Mas ela não me ouvia. Eu voltava enfurecida para a cama, meu olhar fuzilando o teto, ouvindo minha mãe gritar, amaldiçoando-a em meu coração.

Isso não é terrível? Era ele que estava bêbado. O alcoolismo dele que tinha nos deixado sem dinheiro. Era ele quem ficava desmaiado na cadeira. Mas era minha mãe quem mais acabava me irritando, porque, ao menos naqueles momentos, ele estava em silêncio. Eu estava tão desesperada para dormir, e ela não calava a boca.

Apesar de todo o drama noturno, de dia minha mãe tornava a nossa casa um lugar que meus amigos queriam visitar — ao menos quando meu pai nos respeitava o bastante para ir beber em outro lugar. Todas as crianças do bairro iam para a nossa casa. Na falta de uma palavra melhor, era uma casa legal. Tínhamos um balcão alto, rodeado por doze cadeiras. Minha mãe era uma típica jovem mãe

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "A mulher em mim"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).